

# **A Didática da Educação Ambiental como propulsora da Educação Ambiental Transformadora na Educação Básica: meio ambiente, ¡esse é o nosso lar!**


**Naurelice Maia de Melo<sup>1</sup>**

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-5512-9256>

**Silvia Letícia Costa Pereira Correia<sup>2</sup>**

Prefeitura Municipal de Salvador, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9018-2340>

**Andrea Coelho Lastória<sup>3</sup>**

Universidade de São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-0060-0116>

Recepción: 29/04/2025

Evaluación: 16/05/2025

Aprobación: 16/07/2025

Artículo de Investigación-Reflexión

Doi: <https://doi.org/10.22267/rhec.253535.132>



## **Resumo**

O artigo de reflexão busca articular a discussão em torno da ideia de Educação Ambiental na perspectiva Transformadora, no contexto da Didática da Educação Ambiental, a partir do relato de uma experiência com um Projeto Didático

---

<sup>1</sup> Coordenadora de curso, Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Licenciada em filosofia e pedagogia. Grupo de investigação: GIPRES. Línea de investigación: Educação, gestão e desenvolvimento local sustentável. E-mail: [naurelicemelo@gmail.com](mailto:naurelicemelo@gmail.com)

<sup>2</sup> Coordenadora pedagógica, Prefeitura Municipal de Salvador, Brasil. Licenciada em pedagogia. Grupo de investigação: GIPRES. Línea de investigación: Educação, gestão e desenvolvimento local sustentável. E-mail: [sil.lete@gmail.com](mailto:sil.lete@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora associada doutora, Universidade de São Paulo, Brasil. Licenciada em Geografia. Grupo de investigação: Grupo ELO. Línea de investigación: Estudos da localidade. E-mail: [lastoria@usp.br](mailto:lastoria@usp.br)

realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Salvador/Bahia/Brasil, no ano de 2023. Apresentamos a perspectiva da Didática Ambiental como propulsora da Educação Ambiental Transformadora, sendo que tal perspectiva teórica é atenta ao contexto, às condições socioeconômicas, sócio-históricas e sociopolíticas nas quais a vida é tecida e os grupos sociais se movimentam (Melo, 2023). O cenário de legitimação teórica e metodológica prioriza autores que defendem efetivas ações educativas como basilares para a promoção de sustentabilidades, à exemplo de Freire (1997, 2001, 2019, 2020), Gadotti (2000, 2001, 2008, 2009) e Leff (2000, 2001, 2004, 2006, 2007, 2009). As reflexões realizadas, a partir da experiência com o projeto, acenam para o foco da Didática da Educação Ambiental traduzido em conhecimento, habilidades, valores, atitudes, participação cidadã e mudança da realidade, evidenciando, por sua vez, uma postura cidadã consciente, engajada e transformadora dos sujeitos e comunidades. Ao reportar à experiência descrita no artigo, entendemos que a participação dos sujeitos e da comunidade no trabalho desenvolvido pela escola, assegura mudanças fundamentais para a construção de um futuro mais harmonioso e sustentável. Assim, o papel da Didática da Educação Ambiental, na perspectiva transformadora, enfatiza o ‘como’ e o ‘para que’, incentivando a problematização, promovendo a reflexão crítica, estimulando a ação e o protagonismo, conectando teoria e prática, fomentando a interdisciplinaridade e a complexidade, atuando como elo entre o conhecimento ambiental e a ação transformadora.

**Palavras-chave:** educação ambiental; transformação; educação básica; didática.

## **Environmental Education Didactics as a driver of Transformative Environmental Education in Basic Education: the Environment, ;this is our home!**

### **Abstract**

This reflection article seeks to articulate the discussion around the idea of Environmental Education from a Transformative perspective, in the context of Environmental Education Didactics, based on the report of an experience with a Didactic Project carried out in a school in the municipal education network of Salvador/Bahia/Brazil, in 2023. We present the perspective of Environmental Didactics as a driver of Transformative Environmental Education, and this

theoretical perspective is attentive to the context, the socioeconomic, socio-historical and sociopolitical conditions in which life is woven and social groups move (Melo, 2023). The theoretical and methodological legitimization framework prioritizes authors who advocate effective educational actions as fundamental to promoting sustainability, such as Freire (1997, 2001, 2019, 2020), Gadotti (2000, 2001, 2008, 2009), and Leff (2000, 2001, 2004, 2006, 2007, 2009). The reflections, based on the experience with the project, point to the focus of Environmental Education Didactics translated into knowledge, skills, values, attitudes, citizen participation, and reality change, evidencing, in turn, a conscious, engaged, and transformative civic stance among individuals and communities. By reporting on the experience described in the article, we understand that the participation of individuals and the community in the work developed by the school ensures fundamental changes for building a more harmonious and sustainable future. Thus, the role of Environmental Education Didactics, from a transformative perspective, emphasizes the 'how' and the 'why', encouraging problematization, promoting critical reflection, stimulating action and protagonism, connecting theory and practice, fostering interdisciplinarity and complexity, acting as a link between environmental knowledge and transformative action.

**Keywords:** environmental education; transformation; basic education; didactics.

## **Didáctica de la Educación Ambiental como motor de la Educación Ambiental Transformadora en la Educación Básica: el Medio Ambiente, ¿esta es nuestra casa!**

### **Resumen**

Este artículo de reflexión busca articular la discusión en torno a la idea de Educación Ambiental desde una perspectiva Transformadora, en el contexto de la Didáctica de la Educación Ambiental, a partir del relato de una experiencia de Proyecto Didáctico realizado en una escuela de la red municipal de educación de Salvador/Bahía/Brasil, en 2023. Presentamos la perspectiva de la Didáctica Ambiental como motor de la Educación Ambiental Transformadora, y esta perspectiva teórica está atenta al contexto, a las condiciones socioeconómicas, sociohistóricas y sociopolíticas en que se teje la vida y se mueven los grupos sociales (Melo, 2023). El marco teórico y metodológico de legitimación prioriza

autores que abogan por acciones educativas efectivas como fundamentales para promover la sostenibilidad, como Freire (1997, 2001, 2019, 2020), Gadotti (2000, 2001, 2008, 2009) y Leff (2000, 2001, 2004, 2006, 2007, 2009). Las reflexiones, basadas en la experiencia con el proyecto, apuntan al enfoque de la Didáctica de la Educación Ambiental traducido en conocimientos, habilidades, valores, actitudes, participación ciudadana y cambio de la realidad, evidenciando, a su vez, una postura cívica consciente, comprometida y transformadora entre los individuos y las comunidades. Al informar sobre la experiencia descrita en el artículo, entendemos que la participación de los individuos y la comunidad en el trabajo desarrollado por la escuela asegura cambios fundamentales para la construcción de un futuro más armonioso y sostenible. Así, el papel de la Didáctica de la Educación Ambiental, desde una perspectiva transformadora, enfatiza el “cómo” y el “por qué”, fomentando la problematización, promoviendo la reflexión crítica, estimulando la acción y el protagonismo, conectando teoría y práctica, fomentando la interdisciplinariedad y la complejidad, actuando como vínculo entre el conocimiento ambiental y la acción transformadora.

**Palabras clave:** educación ambiental; transformación; educación básica; didáctica.

## Introdução

A questão ambiental tem sido pauta nas discussões em todo o mundo ante a eminência de manutenção da própria vida humana no planeta. Em 2023, no Brasil, a 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente, abordou sobre a emergência climática e o desafio da transformação ecológica. Foi previsto até maio do corrente ano, a realização de rodadas de conversas em todo o país, configurando um convite para debater as escolhas feitas num momento tão desafiador da história, tanto para reduzir as emissões como para nos adaptarmos aos efeitos já visíveis do aquecimento global (Brasil, 2024). Situações tais como o consumo desenfreado e irresponsável dos recursos naturais, tem gerado impactos significativos no meio ambiente, resultando em problemas como a degradação dos ecossistemas, as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.

A questão ambiental, pensada sobre este prisma, parece algo distante e por isso necessitamos, enquanto educadoras, aproximar as discussões para as comunidades nas quais estamos inseridas, a partir do debate em torno dos hábitos de consumo, dos hábitos de geração e destinação de resíduos, entre outros

aspectos ambientais que envolvem o local, com vistas ao entendimento global. Neste sentido, a Educação Ambiental desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e engajados na proteção do meio ambiente, sendo que por meio de projetos pedagógicos é possível promover uma compreensão crítica das questões ambientais, incentivando a participação ativa das escolas e das comunidades junto às práticas sustentáveis.

Entendemos que a questão ambiental é multidimensional e demanda uma abordagem integrada que envolva todos os setores da sociedade. Este é um dentre os tantos motivos para reconhecer e promover cada vez mais a integração entre as vivências da unidade escolar e os cotidianos de sua comunidade: favorecendo ao movimento de trazer à consciência tanto os desafios ambientais quanto os caminhos possíveis de superação; notando o agir integrado como indispensável para garantir um futuro sustentável e equilibrado.

A busca por um futuro mais justo e sustentável, através do fomento à mudança nas práticas, valores e atitudes dos sujeitos, de forma mais profunda, é o cerne da Educação Ambiental. No entanto, para que estas profundas mudanças ocorram, sobretudo quando nos referimos ao âmbito educacional, a utilização de metodologias específicas, criativas e inovadoras é necessário. E é neste sentido que a didática ganha importância, assumindo papel central, como impulsionadora da Educação Ambiental e seu viés transformador.

Desta forma, a Didática orienta e valoriza a construção de uma pedagogia que corrobora com ações, críticas e a participação ativa. Assim, o papel da Didática da Educação Ambiental, na perspectiva transformadora, enfatiza o ‘como’ e o ‘para que’, incentivando a problematização, promovendo a reflexão crítica, estimulando a ação e o protagonismo, conectando teoria e prática, fomentando a interdisciplinaridade e a complexidade.

Assim, este artigo se caracteriza por ser um artigo de reflexão, que busca articular a discussão em torno da ideia de Educação Ambiental na perspectiva Transformadora, no contexto da Didática da Educação Ambiental, a partir do relato de uma experiência com um Projeto Didático realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Salvador, no estado da Bahia, no Brasil. Para tanto, realizamos uma reflexão intitulada diálogos entre Educação Ambiental e transformação, seguida do relato de experiência sobre as ações do projeto intitulado *Meio Ambiente, esse é o nosso lar!* Na continuidade, apresentamos considerações reflexivas sobre a experiência educativa, abordando também acerca das potencialidades da Didática da Educação Ambiental, em perspectiva

transformadora e, por fim, apresentamos as referências que respaldaram tal discussão

## **1. Diálogos entre Educação Ambiental e Transformação**

A Educação Básica é um direito fundamental assegurado, no caso brasileiro, pela Constituição Federal de 1988 e abrange a formação inicial dos indivíduos, sendo composta por: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Cada uma destas etapas da Educação Básica é crucial para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional de estudantes, preparando para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania.

Ainda na Constituição Federal brasileira, a Educação Ambiental (EA) consta dentre as incumbências do poder público para efetivação do art. 225 (integrante ao Capítulo VI - Do Meio Ambiente) que assegura a todos o “direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (Brasil, 1988).

Deste modo, pensar e movimentar reflexões em iniciativas e ações junto ao Meio Ambiente, remete à responsabilidade frente às condições asseguradas constitucionalmente. Quanto à Educação Básica, considerando suas etapas tão fundamentais na elaboração do ser humano, corresponde à responsabilidade diante dos processos formacionais tanto de indivíduos enquanto elaboração do ser pessoa quanto diante do construto do tecido social e socioambiental. Cabendo, assim, os encontros entre Educação Ambiental e transformação.

Embora atual, a dedicação à EA não é uma perspectiva nascida neste século XXI. Constatação que faz refletir sobre sua chegada, apenas mediante Constituição de 1988, no caso brasileiro, como incumbência do poder público. Constatação que faz refletir sobre a necessidade e urgência de atenção aos encontros efetivos entre as temáticas educacionais e ambientais, sobre os documentos legais, as conferências e trajetórias desses encontros, uma vez que a crise planetária é visível e vivenciada em proporções locais e globais.

Desde 1972, com a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano (Suécia), a Declaração sobre Ambiente Humano, também conhecida por Declaração de Estocolmo, atribuiu visibilidade e dedicação internacional às questões ambientais. A partir desse momento, os olhares voltaram-se também à Educação, de modo que em 1975, em seminário internacional, com aprovação

da Carta de Belgrado, foi consolidado o compromisso da Educação frente às questões ambientais e foi proposta a Ética Global, (re)unindo questões ambientais e questões sociais.<sup>4</sup>

Em 1976, na África, mediante o Congresso de Educação Ambiental Brazzaville, a pobreza é instituída como o maior problema ambiental. No ano seguinte (Tbilisi, Georgia, ex-URSS), ocorre a Primeira Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental que consolida a integração entre os meios ecológico, cultural e social e a Educação Ambiental como projeto crítico e político. No contexto brasileiro, ainda em 1977, a disciplina Ciências Ambientais ganhou obrigatoriedade, mediante o Conselho Federal de Educação, nos cursos de Engenharia.

Em 1978, mediante Realização do Seminário de Educação Ambiental para América Latina (Costa Rica), é publicado o documento “Ecologia - Uma proposta para o Ensino de 1º e 2º graus”. Na década de 1980, pareceres e estratégias reforçam a proposta, culminando, mediante Plenário do Conselho Federal de Educação (1987) na aprovação unânime do parecer 226/87 em defesa da inclusão da Educação Ambiental dentre os conteúdos das propostas curriculares de escolas de 1º e 2º graus, como eram chamadas na ocasião.

Ainda em 1987, em Moscou, ocorreu o Congresso Nacional sobre Educação e Formação Ambientais. Neste, foram considerados os avanços e as limitações quanto à Educação Ambiental com referência à Primeira Conferência Internacional de Educação Ambiental e foi pensada estratégia internacional, a respeito dessas temáticas. E, ainda no ano de 1988, o Capítulo VI da Constituição da República Federativa do Brasil foi destinado ao Meio Ambiente, constando dentre seus artigos a determinação da promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, pelo Poder Público (Brasil, 1988).

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos (Tailândia) em 1990, aprovou a “Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem”. Em seu artigo primeiro, consta que satisfazer tais necessidades apresenta/confia aos membros de uma sociedade tanto a possibilidade quanto a responsabilidade de “respeitar e desenvolver a sua

---

<sup>4</sup> O panorama histórico integra o documento da Tese de doutoramento “Representações Sociais do Parque São Bartolomeu-Ba: contribuições às práticas e aos processos formativos na Educação Ambiental Transformadora”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

herança cultural, linguística e espiritual, de promover a educação de outros, de defender a causa da justiça social, de proteger o meio-ambiente[...]" (UNESCO, 1990) e segue com questões quanto à tolerância, direitos humanos e solidariedade.

No cenário brasileiro, a década de 1990 foi marcada por Leis, Planos e Programas em prol da Educação Ambiental, como a Lei nº 9.795 /1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, mediante a qual a EA não corresponde a uma disciplina ou componente curricular apenas, mas a um processo permanente dedicado, de forma articulada, à vida (Brasil, 1999).

Ainda no Brasil, em 1991 a Portaria nº 678/91 do Ministério da Educação, lançou a determinação de que a Educação Ambiental deveria ser contemplada no currículo da Educação escolar em seus diferentes níveis e diferentes modalidades. Em 1992, grande marco, a Rio 92, Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, reuniu representantes de mais de 170 países, consolidou o conceito de desenvolvimento sustentável e, dentre seus resultados, constam o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, a assinatura da Agenda 21.

A avaliação da Agenda 21 foi realizada em 2002, na África do Sul, em Joanesburgo na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Rio+10), entre os resultados desta avaliação, consta a Declaração de Joanesburgo que, conforme anunciado mediante o Portal de Educação Ambiental, Scabin (2024, *on-line*), atribui destaque: “a miséria e a fome devido à globalização; a importância do acesso à água potável, ao saneamento básico, energia e saúde; a necessidade de se combater a pobreza, os conflitos armados, o narcotráfico e o crime organizado; e a importância de se proteger a biodiversidade”. Sacabin (2024, *on-line*) menciona ainda “a erradicação da pobreza, a mudança nos padrões insustentáveis de produção e consumo e a proteção dos recursos naturais” como os objetivos prioritários, postos no Plano de Implementação da Declaração de Joanesburgo.

Em 2015 (Nova York), ocorre a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, nesta são definidos os objetivos de desenvolvimento sustentável, integrando uma outra e nova Agenda, tendo por prazo 2030, ganhando o nome de Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Há, portanto, um percurso de Congressos, Conferências, Declarações e Determinações que, em última instância, correspondem as intenções/promessas, requerendo efetividade.



É preciso lançar o olhar sobre as transformações efetivas, sobre vias de (re)feitura de uma Educação Ambiental que estejam pautadas no cotidiano e que nestes visualizem as contradições que o tecem sócio-historicamente. Cabendo, assim, notar a Educação Ambiental em perspectiva transformadora, em perspectiva atenta às condições socioeconômicas, sócio-históricas e sociopolíticas nas quais a vida é tecida e os grupos sociais se movimentam.

Há um caminho longo a ser percorrido, sobretudo, após o conjunto de retrocessos, dentre outros, sociopolíticos, vivenciados no governo brasileiro de 2019-2022 (com suas implicações ainda latentes), que tocaram/tocam muito forte e criminalmente ao campo ambiental. Neste longo caminho a ser percorrido, importa às vias emancipatórias e libertárias de Educação, tecer e fortalecer os diálogos entre EA e transformação.

O encontro entre EA e a perspectiva de transformação faz transcender a simples transmissão de conhecimento, uma vez que promove mudanças significativas na vida dos indivíduos e nas estruturas sociais. Nesse movimento transformador, contribui à formação de cidadãos críticos, conscientes e ativos, efetiva processos educativos que visam não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a transformação das realidades pessoais e sociais dos indivíduos. Esta perspectiva de transformação está pautada em estudos que enfatizam a importância da reflexão crítica, da prática social e da construção coletiva do saber. Tais como os estudos fundados em Paulo Freire (1997, 2001, 2019, 2020), em Moacir Gadotti (2000, 2001, 2008, 2009) e Enrique Leff (2000, 2001, 2004, 2006, 2007, 2009) e Loureiro (2004, 2005), a medida em que tocam ao âmbito educacional e/ou ambiental.

De acordo com Leff (2006, 2007), o saber ambiental emerge ao final do século XX, mediante movimento questionador da racionalidade instrumental instituída à época moderna. Desse modo, o saber ambiental não surge na concepção moderna de ciência, marcadamente cientificista no cerne do “desenvolvimento normal e interno das ciências” (LEFF, 2006, p. 279), mas em perspectiva contemporânea, atenta à busca de superação da dicotomia seres humanos e o ambiente natural.

A relação dicotômica que separou os seres humanos e o ambiente natural, conforme indica Melo (2010) promoveu um conjunto de consequências que implica na relação com o ambiente natural, no viver humano e na qualidade de sua sobrevivência. Nesse conjunto de consequências, configura-se a crise ambiental e a necessária modificação sobre o modo de entendimento do processo

do conhecimento e da natureza. Conforme Enrique Leff (2007, p.62), “a crise ambiental problematiza os paradigmas estabelecidos do conhecimento e demanda novas metodologias capazes de orientar um processo de reconstrução do saber que permita realizar uma análise integrada da natureza”.

Uma educação que lance o olhar sobre o meio ambiente de modo não fragmento requer a compreensão de que entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, a relação precisa transcender a perspectiva moderna/cientificista de domínio e alcançar modos distintos de elaboração do conhecimento. A esse respeito, importa considerar que o projeto “Meio ambiente, esse é o nosso lar!”, conforme pode ser notado na próxima seção deste artigo, reúne iniciativas (Eco Show, Horta etc.) que favorecem aos processos de elaboração do conhecimento que em suas práticas revelam a noção de saber ambiental. Salientando que, conforme Leff (2005, p.77), “o saber ambiental rompe com a dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento para reconhecer as potencialidades do real e para incorporar valores e identidades no saber”.

A Educação transformadora, vista como espaço de libertação e emancipação (Freire, 2019, 2020), propõe que estudantes - e todas as pessoas participantes do processo educacional - se tornem agentes capazes de reflexão, criticidade, ação e eticidade diante das estruturas sociais que vivenciam, bem como diante do atual modelo socioeconômico que, caracterizado pela busca incessante por lucro e pela acumulação de capital, tem gerado profundas mudanças.

Profundas mudanças, em sentido diverso e contrário ao sentido das transformações aqui interfaceadas à Educação. Profundas mudanças, dentre as quais tem sido (local e globalmente) visíveis a degradação ambiental, a exploração dos recursos naturais e a crise climática como reflexos de uma sociedade que prioriza o crescimento econômico em detrimento da sustentabilidade; fazendo urgir o encontro entre EA e transformação, de modo atento: ao desenvolvimento integral; à aprendizagem mediante participação ativa de estudantes, enquanto protagonistas do processo de conquista e elaboração de conhecimentos; à compreensão mais profunda e significativa dos estudos, contextualizando-os; ao diálogo horizontal, respeitando a voz de cada pessoa e respectivos lugares de fala; à consciência crítica; à atuação junto aos cotidianos; à valorização da diversidade.

Neste conjunto de atenções, um caminho possível para efetivar uma Educação Ambiental que possa, dentre outras iniciativas e realizações, promover uma perspectiva crítica a respeito das implicações da lógica capitalista e de todo o

seu sistema sobre o meio ambiente, fomentar a adoção de práticas sustentáveis, indo além da transmissão de informações, prezando pela análise crítica das relações entre sociedade, economia e meio ambiente, incentivando a participação ativa na construção de um futuro mais justo e sustentável, repensando os valores e os modelos de desenvolvimento, promovendo uma Educação que valorize a ética ambiental, a solidariedade e a responsabilidade social.

Importa considerar que esse movimento ressalta que não é toda a EA que se faz transformadora. E este é mais um dentre os aspectos sobre os quais os encontros entre EA e transformação debruça o olhar atento. Leff (2000, 2006) e Loureiro (2004, 2005) promovem o entendimento sobre as implicações subjetivas e os impactos objetivos e materiais do capitalismo frente ao ambiente natural e ao tecido social. Gadotti (2001, p. 82), ao apresentar os cenários modernos e contemporâneos, diante dos quais devemos pensar os problemas ambientais e a Educação do futuro, também chama a atenção para tais implicações: o potencial destrutivo gerado pelo desenvolvimento capitalista o colocou numa posição negativa frente à natureza. O capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar e prosperidade (Gadotti, 2001). Assim, o autor alerta sobre a necessidade de distinção entre, por um lado, os ecologismos elitistas e idealistas e, por outro um ecologismo crítico.

Lançar o olhar sobre a Educação Ambiental em perspectiva transformadora consiste em olhar atento aos contextos sociopolíticos e às contradições latentes no conjunto complexo de relações que tecem as sociedades, suas instituições e a própria Educação. Em “Premissas teóricas para uma Educação Ambiental transformadora”, Loureiro (2003, p. 37) menciona a respeito de expectativas comuns diante da EA como que esta fosse “intrinsecamente transformadora, por ser uma inovação educativa [...] que questiona o que é qualidade de vida, reflete sobre a ética ecológica e amplia o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos. Contudo, isto não é uma ‘verdade automática’”. Alguns caminhos mostram como nem toda Educação Ambiental é transformadora.

Uma EA pautada em ecologismos elitistas e idealista, não atende ao teor transformador. Portanto, nem toda Educação Ambiental é transformadora. Além de poder assumir a perspectiva mercadológica e capitalista, pode também adotar modos positivistas, bem como formas diversas de conhecimentos que põem a transformação em lugar de atendimento a padrões de comportamentos esperados, independente de seus sujeitos, como em concepção educacional metafísica ou essencialista de ser humano, ao instituir um ideal que deve ser

alcançado igualmente por todas as pessoas, em todos os lugares, independente das, ou melhor, desconsiderando as condições históricas, sociais e culturais.

Assim, e considerando que, conforme Loureiro (2003, p. 44), a EA na perspectiva transformadora “não é aquela que visa interpretar, informar e conhecer a realidade, mas busca compreender e teorizar na atividade humana, ampliar a consciência e revolucionar a totalidade que constituímos e pela qual somos constituídos”, importam as práticas pedagógicas na Educação Básica que possam culminar no entendimento vivido da elaboração e reelaboração constante do ser humano enquanto ser individual e social, tendo estas duas instâncias integradas entre si e indissociáveis do meio ambiente, em sua percepção inteira, socioeconômica, sociocultural, sociopolítica... Enquanto ser transformador, consciente de si e da totalidade, enquanto ser de ação diante desta.

Importa um agir pedagógico transformador que, em seus cotidianos, no caso específico desta vivência, na Educação Básica, seja um agir pedagógico que efetive os diálogos e encontros entre EA e transformação. Importa a conquista de práticas pedagógicas próprias à Educação Ambiental na perspectiva transformadora, tais como a iniciativa evidenciada no projeto didático descrito a seguir.

## **2. O Projeto “Meio ambiente, esse é o nosso lar!”**

A Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha (Figura 1) está localizada na cidade de Salvador/Bahia/Brasil, no bairro periférico da Engomadeira: de origem popular, povoado e desordenadamente urbanizado, concentra problemas característicos e comumente presentes nas grandes cidades brasileiras, como a garantia de condições mínimas e essenciais, à exemplo de saneamento precário, ausência de praças, parques, centros culturais e esportivos, além de ser um bairro caracterizado pela pobreza, desemprego, violência, tráfico de drogas, entre outros.



**Figura 1.** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha.

**Fonte:** Secretaria da Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

Mesmo entendendo que os elementos acima mencionados traduzem a desigualdade social existente, existe uma crença coletiva da escola de que são as vivências e relações estabelecidas pelos moradores do bairro, construídas cotidianamente, que o torna um espaço para além da concepção física, possibilitando a valorização do lugar, constituindo laços de pertença entre seus habitantes. E é a partir deste entendimento que destacamos o papel da instituição escolar para propor ações que potencialmente possam convergir para que este sentimento seja ampliado, além da valorização do lugar por meio de ações diversas, dentre as quais mencionamos o cuidado com seu espaço de vivência.

A ideia do projeto surgiu por conta de duas questões: uma interna e outra externa à escola. No caso interno, observamos que as crianças e jovens, estudantes da unidade escolar, deixavam as salas de aula muito mal cuidadas, além do que o pátio da escola e o sanitário utilizados por eles após os intervalos das turmas, também ficavam excessivamente sujos. A questão externa, refere à colocação de lixo pela comunidade, no muro da unidade escolar - local inadequado para descarte, ocasionando mau cheiro e atraindo insetos para a unidade.

Ponderando estas questões, a Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha desenvolveu o projeto Didático intitulado "Meio Ambiente, esse é o nosso lar!", sendo norteado pela seguinte situação-problema: que ações podemos realizar para contribuir com a preservação e manutenção do meio ambiente em que vivemos?

Apresentamos aos alunos e comunidade em geral, um questionamento que traduziu o contexto local e a situação de descaso destes atores sociais com o

espaço de (com)vivência: a escola e o bairro. Desta maneira, partimos de uma situação concreta em que incentivamos a problematização da temática, posicionamento alinhado à ideia da Didática da Educação Ambiental em perspectiva transformadora, pois não apresentamos respostas e muito menos um manual de como agir, mas estimulamos através do questionamento, um movimento em direção à identificação e análise crítica dos problemas ambientais existentes, suas causas e suas possíveis interconexões. O desafio maior foi o de sensibilizar alunos, professores, familiares e comunidade para que estes assumissem um papel ativo na construção e preservação do meio ambiente (casa, escola, bairro, cidade, planeta).

O Quadro 1, abaixo, evidencia alguns elementos do Projeto Didático e apresenta um recorte da proposta realizada com a temática.

**Quadro 1. Projeto Didático**

<b>Ciclo/Ano de escolarização: 1º ao 5º</b>	
<b>Disciplina: Todas</b>	
<b>PROFESSOR: Todos</b>	
<b>Nome do Projeto: Meio Ambiente, esse é o nosso lar!</b>	
<b>Situação Problema</b>	Que ações podemos realizar para contribuir com a preservação e manutenção do meio ambiente em que vivemos?
<b>Desafio</b>	Sensibilizar alunos, professores, familiares e comunidade para as questões do meio ambiente (casa, escola, bairro, cidade, planeta), para que estes assumam um papel ativo na construção e preservação deste meio.
<b>Objetivo Geral</b>	Contribuir para a formação de cidadãos capazes de compreender a necessidade eminente de uma mudança de hábitos e postura perante o meio ambiente em que vivemos.
<b>Objetivos Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Compreender o papel de cada um e da coletividade na preservação do meio ambiente.</li><li>• Construir a ideia de meio ambiente em suas diversas instâncias (natural e físico).</li><li>• Conhecer e adotar medidas de apoio à preservação da vida.</li><li>• Identificar formas de preservar o meio ambiente no cotidiano.</li><li>• Comprometer-se com a realização de ações concretas que resulte na melhoria da qualidade de vida das pessoas e do planeta.</li></ul>
<b>CONTEÚDOS</b>	

Conceito de meio ambiente; Ambiente natural e construído; Ecossistemas; Preservação ambiental; A água e a vida no planeta; Desequilíbrio ambiental; Sustentabilidade; diferentes culturas e sua relação com o meio ambiente; Geometria e produção/Interpretação textual.

**Fonte:** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

Uma das primeiras ações articulada pelas docentes, foi imprimir uma identidade visual ao projeto, a partir de um desenho criado por uma das crianças, na aula de Artes. A Figura 2, apresenta o painel de chamada do Projeto Didático, exposto no pátio da Escola para que toda a comunidade escolar tivesse acesso e conhecimento:



**Figura 2.** Identidade visual e painel de chamada do Projeto Didático.

**Fonte:** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

Outras ações foram agregadas, sendo desenvolvidas diversas atividades: Minha Sala é Nota 10; Concurso de frases e Slogan; Organização de horta e jardim, entre outros. A ação denominada Minha Sala Nota 10 consistiu na visita de um funcionário ou alguém da gestão da Escola, às salas de aula onde havia um cartaz em forma de semáforo, em alusão à sinalização de trânsito. Nesta visita eram observados alguns aspectos como organização e limpeza do ambiente e atribuído uma cor - Verde (caso fosse observado limpeza e conservação da sala), Amarelo (caso a limpeza e a conversação da sala precisasse de atenção) e Vermelho (caso a sala de aula estivesse suja). Ao final de cada mês, a sala que mais tivesse recebido a cor VERDE, ganhava um bônus, que poderia ser assistir um filme de livre escolha da turma, um lanche diferente etc.

Nesta ação, identificamos o estímulo à ação e ao protagonismo, onde através da metodologia proposta, é possível vislumbrar uma mudança de comportamento e de participação das crianças e jovens, que passaram a cuidar mais do espaço da sala de aula, com maior atenção no que se refere à sua limpeza e manutenção. Se antes, havia papel jogado ou restos dos lápis no chão (mesmo

com lixeiras nas salas), os alunos passaram a descartar estes materiais no lugar apropriado. As questões metodológicas, ligadas ao campo da didática, potencialmente oferecem oportunidades concretas para o engajamento dos sujeitos em projetos e iniciativas que gerem impacto real. Neste caso relatado, há uma relação direta com um dos motivos explicitados para o desenvolvimento do Projeto didático, a saber: a sujeira interna da escola provocada pelos alunos.

O concurso de frases (slogan) também foi outra ação do projeto. Os alunos foram orientados pelas docentes para a construção de um slogan ou frase que complementaria o título do Projeto, que originalmente aludia apenas à temática: “meio ambiente”. Algumas frases escolhidas: “O meio ambiente, é meu, é seu, é nosso”, de MA do 4º ano A; “Cuide bem das plantas e dos animais que a gente vive mais”, frase coletiva do 1º ano A; “Vamos preservar para não faltar”, de D do 3º ano B; “Vamos começar a cuidar do nosso verdadeiro lar!”, C do 5º ano A. Assim, o complemento do título do projeto foi agregado a partir do resultado do concurso de frases realizado. Ao propor que o projeto fosse nomeado pelos alunos, além de incentivar a participação, subentende-se o fomento da reflexão acerca da temática, uma vez que para nomear é necessário entender o assunto. Neste sentido, a didática cria espaços para a reflexão sobre os valores que norteiam nossa relação com a natureza, questionando padrões de consumo, modelos de desenvolvimento e as desigualdades socioambientais.

Com o auxílio de um voluntário, professor da Rede Municipal de ensino de outra unidade escolar, foi organizado uma Horta/Jardim Escolar, num espaço ocioso, existente na unidade (Figura 3).



**Figura 3.** Horta/Jardim escolar.

**Fonte:** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

A Horta foi feita num muro e suspensa em garrafas pet, aludindo, portanto, à reciclagem. Cada grupo de alunos ou turma da escola ficou responsável pela



manutenção do espaço: regar, limpar, podar, trazer mudas, entre outros. Na oportunidade foram trabalhadas questões medicinais, tipos de plantas com utilidade para os seres vivos etc. Com ajuda da professora de Artes da escola, outra ação foi realizada: a Pintura do Muro Interno da Escola, pelos alunos, com temática ligada à questão ambiental. Os alunos fizeram esboço dos desenhos em folha de ofício, que foram escolhidos por votação em sala. Sob a orientação da professora de Artes e da Regente da turma, as crianças procederam à pintura do muro. A seguir, estão evidenciados na Figura 4, algumas produções das turmas:



**Figura 4.** Pintura do muro. Mosaico.

**Fonte:** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

Na ação do Eco Show, evento realizado por ocasião do Projeto didático em comemoração ao dia do meio ambiente, os alunos se inscreveram e apresentaram seu talento: leitura de poesia, de trecho de um livro, dança, música... puderam expressar artisticamente de diversas maneiras, a temática trabalhada. A Figura 5, a seguir, evidencia o cenário da atividade.



**Figura 5.** Cenário da Eco Show.

**Fonte:** Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, 2024.

Mencionamos, ainda, que um professor de Biologia, levou alguns animais para a escola, que foram colocados em exposição para visita dos alunos, o que denominamos ‘Sexta dos Bichos’. Além disso as crianças tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas ou equívocos acerca de alguns destes animais, seus hábitos, alimentação, forma de viver, entre outros.

Sobre estas últimas ações descritas - horta, pintura do muro, eco show, sexta dos bichos - ressaltamos o fomento à interdisciplinaridade uma vez que entendemos que os problemas ambientais são complexos e como tal, necessitam ser abordados por diferentes áreas do conhecimento. Assim, a Didática da Educação Ambiental em perspectiva transformadora quebra as barreiras disciplinares, incentivando a colaboração entre diferentes campos do conhecimento e a compreensão de que as soluções exigem uma visão sistêmica. Neste sentido, por exemplo, o Eco Show viabilizou diferentes campos do conhecimento com vistas à expressão do entendimento da temática ambiental, a saber: música, poesia, escrita, artes plásticas, entre outros.

A culminância do Projeto foi a realização da Feirinha Ecológica e da Cartilha Ambiental, em que foram expostos durante a reunião de pais, ao final do bimestre, no pátio da escola, aberto à visita da comunidade escolar e local. Todas estas ações resultaram em mudanças de atitudes e posturas, dentro da escola, por parte dos estudantes, tendo sido observado mudanças em relação à comunidade do entorno que também foi envolvida nas ações do Projeto Didático desenvolvido pela Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha.

Retomando às questões internas e externas que motivaram a realização do projeto, conforme explicitado no início deste relato, a comunidade deixou de descartar o lixo próximo à escola e as crianças e jovens estudantes, demonstraram uma melhora com relação à conservação do espaço escolar, o que consideramos positivo. Algumas ações explicitadas, tornaram-se permanentes na unidade escolar, com vistas a manter as reflexões acerca das atitudes e postura em relação ao meio ambiente.

### **3. Considerações finais: por uma Didática da Educação Ambiental**

Em linhas gerais, o campo da Didática é complexo, amplo, diverso e se ocupa dos métodos e das práticas de ensino, buscando entender como ocorre o processo de aprendizagem, destacando os caminhos a serem utilizados nesse processo. Os modos de consolidação do campo da Didática são decorrentes de diferentes tendências histórico-pedagógicas e de diferentes teóricos que pensam o processo

de ensino-aprendizagem de acordo com as especificidades de suas teorias. Desta forma, quando a tendência é tradicional, o cerne da atenção é a transmissão de conhecimento, tendo no professor o centro do processo; quando a tendência é progressista, o cerne da atenção reside na valorização da experiência do aluno, o ensino é centrado no estudante e o desenvolvimento de habilidades sociais é oportunizado. Esta última tendência parece guiar os princípios do projeto didático ‘Meio Ambiente, esse é o nosso lar!’ tendo em vista as ações desenvolvidas durante a execução do projeto na escola.

O termo Didática, em função do propósito deste artigo, é associado à Educação Ambiental, em perspectiva transformadora. Neste sentido, inferimos que a expressão Didática da Educação Ambiental assume o contexto próprio da EA Transformadora, por integrar a atenção às condições econômicas, políticas, históricas que são indissociáveis das condições culturais e sociais constituintes da vida na escola e na comunidade, em movimento que (re)integra ser humano e ambiente natural, sem prescindir de todos os cenários que elaboram a sociedade para a qual a Educação se faz viva.

A Didática da Educação Ambiental, portanto, atende (como ocorreu mediante o projeto “Meio ambiente, esse é o nosso lar!” e pode ocorrer ante ampliação para outros contextos, contemplando as especificidades de cada unidade escolar e respectivas comunidades) à promoção de uma formação integral do indivíduo em suas idiossincrasias e enquanto ser social, nos dois casos, em perspectiva pedagógica que considera em alta responsabilidade a relação do ser humano com a Terra. Mencionamos que esta relação inicialmente se dá num âmbito local se expandindo para o global. Nesta relação, é necessário enfatizar a importância de uma Educação que respeite e valorize os recursos naturais e a diversidade cultural, conforme as reflexões sobre o educar propostas por Gadotti (2000, 2009) e que aqui seguem pertinentes à EA Transformadora, uma vez que são reflexões que buscam cidadãos conscientes de sua responsabilidade social e ambiental, promovendo uma visão mais ampla do mundo e de suas interconexões.

A Didática da Educação Ambiental, atenta à compreensão e ao aprimoramento dos processos de ensino-aprendizagem relacionados à preservação e à sustentabilidade do meio ambiente, necessita incluir abordagens que incentivem a reflexão crítica e a prática, como a que foi relatada no Projeto Didático apresentado neste escrito. Sobretudo no atual contexto planetário, com a crescente degradação ambiental e crise climática, urge a escolha das metodologias capazes de considerar as vivências de estudantes e de suas

respectivas realidades, oportunizando, assim, a formação cidadã, consciente e responsável. Metodologias que podem ser elaboradas a partir da Didática da Educação Ambiental, enquanto campo dinâmico que exige uma abordagem crítica e reflexiva.

Este movimento, por sua vez, favorece ao entendimento de que a Educação Ambiental não é apenas um tema integrador de uma matriz curricular ou apenas um componente. Ao ser realizada de modo transformador e mediante concepções didáticas ativas, socialmente engajadas e dispostas às integrações entre o “interno” e o “externo” à unidade escolar, por exemplo, torna-se um compromisso com o futuro do nosso planeta, um compromisso com o nosso futuro, um compromisso com o lar que nos acolhe e com as mudanças de atitudes e posturas que podemos promover.

Neste sentido, a proposta deste artigo foi articular a discussão em torno da ideia de Educação Ambiental na perspectiva Transformadora, no contexto da Didática da Educação Ambiental, a partir do relato de uma experiência com um projeto didático realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Salvador, no estado da Bahia, no Brasil. A partir dos resultados do projeto didático “Meio ambiente, esse é o nosso lar!”, conquistando a mudança de atitudes e de posturas tanto no contexto das práticas internas quanto das práticas externas à escola, nota-se a EA em perspectiva transformadora de tal modo que “interno” e “externo” são termos separados apenas como palavras. No movimento didático provedor das aprendizagens, esses termos se encontram e se entrelaçam, convidando a uma Didática da Educação Ambiental.

As ações realizadas na escola por ocasião do Projeto Didático, estão alinhadas com a Educação Ambiental Transformadora na medida em que reúnem, para além do cumprimento de um programa ou plano de ensino previamente estabelecido, iniciativas que integram política, social, econômica e culturalmente os estudos sobre e com a natureza, culminando em aprendizagens que efetivam transformações, tanto no próprio sujeito enquanto ativo em sua aprendizagem quanto em seu entorno e nas relações que tece, a exemplo das relações entre escola e comunidade, comunidade e escola, integradamente e em prol da realização bem sucedida do projeto didático. E isto pode ser observado concretamente pela mudança de atitude e postura dos estudantes na unidade escolar, motivo interno que mobilizou a realização do projeto, em que estes estudantes passaram a cuidar e preservar o ambiente da escola como salas de aula, pátio e sanitários por eles utilizados. O que nos faz refletir que estes são indicadores de mudanças nas práticas cotidianas destes estudantes.

Aqui reside um ponto interessante e que nos reporta ao pensamento freiriano, pois o trabalho desenvolvido com o projeto didático fomentou a educação crítica e democrática com base na troca horizontal de saberes e experiências entre educadores e educandos, sendo que estes últimos ocuparam lugar central na reflexão pedagógica, cujo quefazer implicou na ação e reflexão que opera e transforma suas realidades. Isso porque a intenção com o projeto didático foi o protagonismo dos atores sociais, no caso crianças, jovens e comunidade, envolvidos no ato educativo, para o desvelamento da realidade, das condições humanas, com o intuito da transformação/superação da realidade, do contexto que se apresentava. Assim, o ponto de partida foi a relação de homens e mulheres, como presença no mundo e com o mundo.

Outro ponto observado, é que o trabalho pedagógico desenvolvido foi extensivo às famílias das crianças e jovens. Estas famílias compõem a comunidade do bairro, cuja prática era de descarte do lixo no muro da escola – motivo externo que mobilizou a realização do projeto, sendo que também notamos melhoria desta prática. Assim, o lixo passou a ser colocado pela comunidade, no seu devido lugar e retirado do muro da escola. Em que também inferimos uma mudança da prática cotidiana da comunidade.

Neste sentido, podemos nos apoiar na afirmação de Leff (2009, p.19) sobre o saber social, quando o autor nos fala que este “emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada.”. Esta partilha foi identificada entre escola e comunidade, evidenciada nas práticas da comunidade do bairro. E assim, é possível tecer aproximação, conforme nos diz Melo (2023), entre o saber social e o saber ambiental, tendo neste a possibilidade de feitura de novas significações sociais, novas formas de subjetividade e posicionamentos políticos ante o mundo.

Conseguimos, desta forma, conectar teoria, prática e dar significado à aprendizagem, considerando o contexto como ponto de partida. E isto se deu justamente por ser a Didática propulsora da transformação, no sentido de garantir que os conceitos aprendidos em sala de aula sejam contextualizados e aplicados em situações do cotidiano e da comunidade, tornando o conhecimento vivo e relevante. O posicionamento político ante o mundo, por sua vez, é correspondente às ideias de libertação e emancipação freirianas; bem como, por assim dizer, segue na contramão do movimento capitalista, que conforme Gadotti (2001) nutre ecologismos elitistas e idealistas. É, portanto, necessário, conforme realizado mediante o Projeto Didático, fortalecer pedagogias críticas.

Nesse sentido, importa lançar o olhar sobre o ecologismo crítico, sabendo que, conforme pontuado por Gadotti (2001, p. 105) “o que nos interessa, enquanto educadores, não é combater todas as formas de sua manifestação [dos ecologismos elitistas e idealistas], mas entrar no seu campo e construir, a partir do seu interior, uma perspectiva popular e democrática de defesa da ecologia”; nesse sentido, o Projeto Didático “Meio ambiente, esse é o nosso lar!” e o respectivo posicionamento político favorecido mediante o Projeto, podem ser notados como mostras da “perspectiva popular e democrática de defesa da ecologia” devido às formas pelas quais o Projeto evidenciou educar, sendo também mostra da EA Transformadora, devido à atenção ao contexto maior: a integração das múltiplas dimensões que tocam à questão ambiental, culminando-se em atos educativos.

## Referências

- Brasil. *Constituição da República Federativa*, 1988. <https://goo.su/rO6Cla>
- Brasil. *Lei n. 9.795*, de 27 de abril de 1999. <https://goo.su/EX6iGzM>
- Freire, Paulo. *Política e Educação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- Freire, Paulo. *Educação como prática para liberdade*. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- Freire, Paulo. *Educação e Mudança*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- Gadotti, Moacir. *Pedagogia da Terra*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.
- Gadotti, Moacir. “Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e educação sustentável”. In *Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI*, coordenado por Carlos Alberto Torres. Buenos Aires: CLACSO, 2001.
- Gadotti, Moacir. *Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável*. 1ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

- Gadotti, Moacir. *Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária: Conceitos e expressões diferentes e interconectados por um projeto comum*. 2009. <https://goo.su/ocUFO>
- Leff, Enrique. *Ecologia, Capital e Cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: EDIFURB, 2000.
- Leff, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Leff, Enrique. *Aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- Leff, Enrique. *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Leff, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- Leff, Enrique. “Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes”. *Educação & Realidade, Porto Alegre* Vol. 34, nº 3 (2009): 17-24.
- Leste Mais Compromisso com a informação*. <https://goo.su/YoAoUTG>
- Loureiro, Carlos Frederico Bernardo. “Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora”. *Ambiente & Educação* Vol. 8, nº 1 (2003): 37–54.
- Loureiro, Carlos Frederico Bernardo. “Educação ambiental transformadora”. In *Identities da educação ambiental brasileira*, coordenado por Layrargues, Philippe Pomier. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- Loureiro, Carlos Frederico Bernardo. “Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental”. *Educação & Sociedade* Vol. 26, nº 93 (2005): 1473–1494.
- Melo, Naurelice Maia. “Representações sociais do Parque São Bartolomeu – BA: contribuições às práticas e aos processos formativos na educação ambiental”. Tese Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação

em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, 2023.

*São Paulo Governo do Estado São Paulo Sao Todos*. <https://goo.su/ZBQfKQ>

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, 1990. <https://goo.su/8vutf7>.

### **Citar este artículo**

Maia de Melo, Naurelice, Silvia Letícia Costa Pereira Correia & Andrea Coelho Lastória. “A Didática da Educação Ambiental como propulsora da Educação Ambiental Transformadora na Educação Básica: meio ambiente, esse é o nosso lar!”. *Revista Historia de la Educación Colombiana* Vol. 35, No. 35 (2025): 11-34. Doi: <https://doi.org/10.22267/rhec.253535.132>.